

O PROFESSOR COMO MEDIADOR NAS AULAS DE ARGUMENTAÇÃO

Louise Cervo Spencer¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo descrever uma prática de ensino desenvolvida durante o período de Estágio Supervisionado no Ensino Médio, realizado numa turma de terceiro ano do Colégio Estadual Coronel Pilar, da cidade de Santa Maria-RS, no ano de 2013. Procura, também, refletir aspectos acerca da posição do docente em sala de aula, como mediador do conhecimento nas aulas de argumentação oral, para que possa, posteriormente, realizar o desenvolvimento de atividades sobre argumentação escrita. Para pensar tais aspectos, este artigo traz como base teórica, em especial, o interacionismo social de Lev Semenovitch Vygotsky (1998a;1998b), o qual teorizou sobre a mediação do homem com o mundo, entre outros tantos conceitos, o processo de internalização, isto é, o processo pelo qual o sujeito passa a reelaborar opiniões alheias e a transformar as “palavras dos outros” em “pessoais”, conceito este imprescindível nas aulas de argumentação.

Palavras-chave: professor mediador; argumentação; interação.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo describir una práctica docente desarrollada durante la práctica supervisada en Educación Secundaria, que se celebró en una clase de tercer año del Colegio Coronel Pilar, en el año 2013, situado en Santa Maria-RS. Busca también destacar aspectos de la posición del profesor en la clase, como mediador del conocimiento en las clases de argumentación oral, y, más tarde, el desarrollo de la argumentación escrita. Para pensar estas cuestiones, este trabajo presenta como fundamento teórico, en particular, el interaccionismo social de Lev Semenovitch Vygotsky (1989, 1998), que presentó la mediación entre el hombre y el mundo, entre otros muchos conceptos, el proceso de internalización, es decir, el proceso por el cual el sujeto trata de redibujar las opiniones de los demás y para transformar las "palabras de los demás" en "personales", un concepto esencial en las clases de argumentación.

Palabras-clave: professor mediador; argumentación; interacción.

1 Introdução

A profissão docente tem sido objeto de diversos debates e estudos em diferentes áreas. Notamos isso por meio das discussões provocadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela Educação, através da aprovação de documentos oficiais (LDB, PCN's, etc.), por exemplo; pelas Instituições de Ensino Superior, por meio das pesquisas nas áreas de Linguística Aplicada e Educação; pelos diversos meios midiáticos nacionais, através de depoimentos, inclusive, de profissionais

¹ Licenciada em Letras – Habilitação: Português e Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é discente do Mestrado em Letras – ênfase em Estudos Linguísticos pelo PPGL/UFSM. loucspencer@gmail.com.

alheios ao campo da Educação; entre outros. Dessa forma, podemos dizer que estamos inseridos em um momento de pesquisa em que a profissão docente está no centro de muitas discussões.

Surge, então, a necessidade de se estudar mais a respeito da relação professor-aluno, pois o docente tem deixado de ser um mero transmissor de conhecimento para ser encarado como alguém que orienta, que estimula os alunos a (re)elaborarem seus conceitos, seus valores e suas habilidades, que lhe permitem seu desenvolvimento enquanto cidadãos. Para refletir sobre tais questões, este artigo traz a descrição e a posterior reflexão acerca da prática de ensino desenvolvida durante o período de Estágio supervisionado no Ensino Médio, realizado em uma turma de terceiro ano do Colégio Estadual Coronel Pilar, localizado na cidade de Santa Maria – RS. Esta prática de ensino partiu de um planejamento anterior em que se objetivou oferecer aos alunos condições para que pudessem compreender, através de trabalho com gêneros textuais orais e escritos, que a argumentação está em qualquer momento de nossas vidas. Após realizada essa prática, buscamos pensar, neste trabalho, o papel do professor como mediador do conhecimento por meio de atividades que tinham como foco principal a argumentação em suas diversas manifestações.

Para tanto, em um primeiro momento, trazemos o aporte teórico pelo qual nos embasamos para o desenvolvimento deste trabalho. Em seguida, descrevemos o projeto idealizado e desenvolvido na turma de terceiro ano, para, por fim, refletirmos o papel do professor nas aulas, focando, inicialmente, na ação de planejamento do que seria executado e, depois, nas atividades de argumentação.

2 Aporte teórico: concepção interacionista na construção do conhecimento

A concepção de linguagem que sustenta este trabalho e orienta os procedimentos teóricos é baseada na perspectiva interacionista, com destaque especial às ideias de Vygotsky (1989/2007). Essa perspectiva entende que a linguagem deve ser vista como o lugar de interação e de interlocução, para que, ao mesmo tempo em que constituam os polos da subjetividade, seja constantemente modificada pelo sujeito que atua sobre ela.

Para mostrar que o homem, em todo seu processo de desenvolvimento, está em constante mudança, Vygotsky, conforme Bronckart (2008, p.63), considerou que as *funções psicológicas superiores*, isto é, os processos mentais que são próprios dos seres humanos, tais como pensar, lembrar, imaginar e planejar, não são conseqüências somente das interações com o social, mas são instrumento para as constantes transformações do meio e do próprio homem. Por conta disso, entende o homem como um organismo vivo não só dotado de propriedades biológicas, como também constituído socialmente.

Conforme Bronckart (1999), devemos levar em conta um aspecto importante na teoria vygotskyana, considerando esta constituição tanto biológica quanto social do homem. A este, por ser um organismo dotado de capacidades comportamentais particulares no processo de evolução, é dada a possibilidade de criar instrumentos mediadores para poder se relacionar com o meio e de desenvolver formas verbais de comunicação, de modo que possa se relacionar com seus pares.

Ao apresentar este ponto em sua teoria, Vygotsky (2007) destacou a importância do *signo* na *mediação* das funções psicológicas superiores e, também, apresentou que é através da *internalização* desses signos que o homem consegue transferir do meio social para seu domínio psíquico.

Ao tratar da *mediação*, Vygotsky (ibid.) revela que toda e qualquer atividade de interação do homem, quer com seus pares, quer com o mundo que o cerca, não se dá numa relação direta, mas, sim, de forma mediada. Esse processo de mediação se configura com a utilização de instrumentos técnicos ou de sistemas de signos, com enfoque especial para a linguagem. A utilização destes elos intermediários possibilita ao indivíduo o desenvolvimento das atividades mentais mais complexas, porém, em um dado momento, não há mais necessidade do uso destes auxiliares, na medida em que estes elos intermediários vão sendo interiorizados pelo sujeito, possibilitando, assim, que desempenhe as atividades sem necessitar desse auxílio.

Através deste movimento de transformação dos objetos externos em processos internos podemos perceber outro conceito de extrema relevância nos estudos vygotskyanos: a *internalização*. Essa se caracteriza por ser um processo interpessoal (nível social) que é transformado em intrapessoal (nível individual). A

partir disso, podemos entender que a mudança de um processo interpessoal para um processo intrapessoal é consequência dos eventos que ocorrem ao longo do desenvolvimento do indivíduo.

Neste momento, podemos dizer que as necessidades do ser humano deixam de ser propriamente biológicas para serem sócio-históricas, visto que o pensamento linguístico passa a predominar nas ações psíquicas, através da mediação, permitindo aos indivíduos tornarem-se sujeitos constituídos na e pela linguagem. Dessa forma, podemos dizer que a linguagem se torna decisiva para o desenvolvimento humano.

Percebemos, então, que a relação com o outro dentro de uma sociedade cultural permite o desenvolvimento psicológico do indivíduo, já que, ao ter contato com signos socioculturais pré-estabelecidos, o homem os interioriza e passa a fazer parte como ser histórico-social. Isso significa que o domínio destes signos já internalizados possibilita ao indivíduo um desenvolvimento social, cultural e intelectual ao longo da história humana.

Tendo em vista estes conceitos apresentados, entendemos que a relação que existe entre professor e aluno se dá, inicialmente, por meio do primeiro conceito, o de mediação, para que ocorra, assim, o segundo conceito, a internalização. Aqui, o professor não é visto apenas como um transmissor de conhecimento, já que a ideia de construção de conhecimento passa pelo compartilhamento e pela troca de informações e experiências. Isso torna o professor um mediador através das interações sociais que se estabelecem com seus alunos. Apresentados esses conceitos, passamos à descrição do projeto idealizado e desenvolvido em nosso estágio.

3 O projeto idealizado e desenvolvido

Apresentamos aqui o projeto que foi pensado ainda no período de Estágio de observação na turma, de modo a ser desenvolvido posteriormente. Como primeiro passo, através das observações no ambiente escolar, do contato direto com os alunos e da aplicação de um questionário investigativo, fizemos uma avaliação inicial da realidade em que seria desenvolvido o estágio: uma turma de 3º ano do Ensino

Médio às vésperas do vestibular. Identificamos os interesses e as necessidades dos estudantes, diante desta fase da vida, bem como suas angústias e incertezas. Acreditamos, dessa forma, que o importante seria dar “voz e vez” aos alunos, de modo que se sentissem envolvidos pelo Projeto inicial e pela sua execução, permitindo, assim, a participação da professora no papel de mediadora para condução das atividades.

Com isso, foi apresentado um Projeto que teve como ponto principal a argumentação aliada à prática social. Segundo Abreu (2003, p. 10),

(...) é necessário saber conversar com as pessoas, argumentar, para que exponham seus pontos de vista, seus motivos e para que nós também possamos fazer o mesmo. (...) Seja em família, no trabalho, no esporte ou na política, saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. É também obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa verdade dentro do outro.

Então, de forma a contemplar esse objetivo inicial, apresentamos dois diferentes gêneros textuais, os quais envolvem a temática da argumentação, que foram trabalhados ao longo dos três meses do período de regência, sendo eles: o artigo de opinião e a redação do vestibular. Esses gêneros escritos tiveram como ponto principal, para o desenvolvimento de discussões orais, temas atuais, os quais foram escolhidos no decorrer da regência, e que envolviam a sociedade como um todo. Esses temas foram polêmicos para servirem de “cabide” pedagógico para os diversos gêneros que foram trabalhados posteriormente, porém, pensamos, também, na prática social que o professor deve investir, não só em conteúdos atuais, mas também, rememorar conhecimentos mais amplos, históricos, a fim de que os alunos possam estabelecer conexões com outros conteúdos e suas aprendizagens na vida social.

O objetivo, ao se trabalhar com os gêneros argumentativos, foi propiciar que o aluno, em contato com o tema proposto, expressasse seu saber, desenvolvesse sua capacidade de ouvir e respeitar diferentes opiniões, ampliasse e reformulasse sua visão de mundo ao estabelecer um verdadeiro diálogo com os textos oferecidos e com os colegas/professora e conhecesse as características do gênero escolhido.

Esse ponto compreendemos, baseados em Vygotsky (2007), ser muito importante para o desenvolvimento do aluno, visto que o próprio autor trata do processo de internalização como o processo pelo qual o sujeito passa a reelaborar

opiniões alheias e a transformar as “palavras dos outros” em “pessoais”, conceito esse que se torna imprescindível nas aulas de argumentação. Desta maneira, podemos perceber a importância do ambiente social (as trocas entre colegas) e o papel essencial do professor para os processos de internalização e, também, para o desenvolvimento da linguagem, pois o indivíduo só internaliza tendo em vista a mediação do outro.

4 A participação do professor enquanto mediador no planejamento e na execução das atividades

4.1 Planejamento

Sabemos que o ato de aprender pressupõe e desenvolve habilidades de analisar, interpretar e relacionar as informações recebidas, levando o aluno a opinar sobre fatos da vida e ideias e assumir uma posição crítica. Com isso, entende-se que o professor deve ter em vista que suas aulas necessitam ter por objetivo central a formação do cidadão consciente, agente e responsável.

Dessa forma, o projeto baseou-se, num primeiro momento, na filosofia da Escola, que buscava “a formação de alunos críticos, participativos, criativos e com condições de transformar a realidade, contribuindo para a construção de uma sociedade solidária, pluralista e justa”. Tendo em vista essa premissa, as produções textuais, tanto orais quanto escritas, produzidas na escola, não poderiam se desconectar dos modos de circulação social dos textos, pois o texto circula na sociedade com diferentes finalidades e para uma extensa variedade de leitores. Então, reiteramos que o tema trabalhado como proposta de projeto, o papel que a argumentação desempenha em nosso dia a dia, necessita ser compreendido que este argumentar pode ter um objetivo além da redação para o vestibular.

A prática docente aqui relatada teve como ponto principal a argumentação aliada à prática social. Desta forma, objetivamos propiciar ao aluno o entendimento de que a atividade argumentativa está presente em diversos momentos da vida cotidiana, perpassando desde o convencimento do interlocutor do porquê de não se querer ir a uma festa, até às práticas que remetem ao campo jurídico de absolvição ou condenação de um réu, por exemplo. Deste modo, é preciso que os estudantes entendam que a argumentação está presente em diversos momentos da prática

social, em diferentes instâncias de interação social. A argumentação não está voltada somente ao dizer ou ao querer dizer, mas é, principalmente, uma forma de interação que se caracteriza como um ato social.

4.2 As atividades de argumentação

Tendo em vista o desenvolvimento de atividades que estimulassem a argumentação, trabalhamos diferentes textos que continham temas que estavam na mídia nos meses de junho e julho de 2013, como as manifestações e protestos que ocorreram em todo o país. Essa temática, em especial, gerou uma discussão muito produtiva, quando trabalhada em sala de aula, tendo, como texto provocador uma notícia divulgada em um site².

A atividade, basicamente, estruturou-se a partir de uma música sobre o tema (manifestações), que apresentava em sua letra as frases mais vistas nos cartazes durante os protestos que tomaram todo o país em especial no mês de junho de 2013. Em um segundo momento, os alunos receberam um texto que continha uma pesquisa realizada, ainda antes dos movimentos, pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) sobre como os jovens concebiam os protestos, quais eram os principais pontos a serem evidenciados, se tinham esperança em um país melhor, etc. Para trabalhar esse texto, perguntas foram lançadas pela professora, como forma de instigar a reflexão sobre o tema. A seguir são apresentadas algumas delas, as quais possuem uma estrutura aberta:

- Como você ficou sabendo dos protestos?
- Como se deu a convocação para os eventos?
- Por intermédio de veículos de comunicação? Ou entrou em cena o bom e velho boca-a-boca? - Quem organizou os atos?
- Que repercussões geraram?
- Qual é a forma mais eficaz de sensibilizar a sociedade para um determinado problema?

² Notícia intitulada: Para 45% dos jovens, protestar pode melhorar o Brasil, diz pesquisa. O texto foi acessado em 08 de agosto de 2013 e pode ser encontrado no endereço eletrônico: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/08/para-45-dos-jovens-protestos-podem-melhorar-o-pais-diz-pesquisa.html>>.

– O que você acha da inserção do jovem nesse meio politizado?

Quadro 1 – Perguntas norteadoras sobre o tema

De acordo com o andamento das discussões, novas perguntas eram inseridas, pois dependiam daquilo que era exposto pelos alunos e da forma como recebiam as perguntas que eram feitas pela professora. Tanto os questionamentos feitos quanto as respostas dadas pelos alunos serviam de base para o que seria discutido posteriormente. Dessa forma, procuramos estabelecer uma interação entre as partes – aluno-professor-aluno – de modo que a construção de conhecimento fosse conjunta. Sem dúvida, principalmente nessa atividade, a posição enquanto professora-mediadora serviu para que a discussão fosse guiada. No momento em que eram lançados os questionamentos, os alunos se engajavam e debatiam entre si, mas o retorno à professora era necessário para que o rumo da discussão não fugisse da proposta.

Segundo Ribeiro (2009), o desenvolvimento das habilidades argumentativas ocorre desde muito cedo, quando a criança, interagindo com seus pares e com o meio, começa a construir os seus primeiros argumentos e também a identificar o momento em que seus pais, amigos, entre outras pessoas do seu convívio estão argumentando.

Da mesma forma, Vygotsky (2007) apresenta que a origem do processo de formação e expressão do conhecimento está nas relações interpessoais, ou seja, no âmbito social. O conhecimento atinge níveis intrapessoais e individuais através da interação com outros indivíduos, o que fornece subsídios para que o sujeito repense aquilo que já havia posto, formando novos paradigmas. Desse modo, os sujeitos agem sobre a aprendizagem e sobre o objeto de conhecimento, gerando assim a sua individualidade.

Com isso, percebe-se que a argumentação pode ser vista nas mais diversas situações sociais, nas mais variadas práticas comunicativas em que se é induzido a argumentar, e é através destas situações que dialogamos e interagimos com as opiniões alheias. A interação social, aqui tratada, é marcada essencialmente pela argumentatividade, pois todo discurso representa uma ação verbal dotada de

intencionalidade, tentando influenciar no comportamento do outro ou fazer com que ele compartilhe as mesmas ideias (KOCH, 2011).

Após a leitura e discussão do texto, foi solicitado aos alunos que elaborassem um mapa semântico, evidenciando as palavras mais relevantes para o entendimento do texto e em seguida, estabelecendo relações entre elas, de forma a identificar aquelas que seriam secundárias para o trabalho com o texto. Essa atividade objetivou que os alunos percebessem os movimentos do texto, como o autor expõe os argumentos, as estatísticas, etc, para que, posteriormente, pudessem elaborar uma redação a respeito do tema, tendo, juntamente, como base o debate estabelecido anteriormente. Com isso, a partir do objetivo de formar alunos críticos, que saibam se posicionar, colocar suas opiniões e agir nas mais diversas situações comunicativas, entendemos que o ensino de Língua Portuguesa deve perpassar os diferentes gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos.

5 Considerações finais

Com base no que foi descrito e trabalhado, acreditamos que o professor assume um papel indispensável de mediador, tanto na condução como na escolha das atividades desenvolvidas em sala de aula, favorecendo a construção de uma sociedade mais crítica, com alunos cidadãos que buscam seus objetivos e interesses em meio à vida social.

Percebemos que o aluno necessita de tempo para avaliar, pensar, refletir para depois agir sobre o conhecimento. Dessa forma, é fundamental que o professor disponibilize atividades que exigem troca de opinião e cooperação mútua para sua execução. Com base nisso, entendemos que as práticas escolares devem girar em torno de atividades que visem a motivação do aluno e a real utilização da língua, não partindo de trabalhos que visem somente os aspectos prescritivos e analíticos dessa. Assim, o aluno passa a apresentar condições de iniciar o processo de produção textual, estabelecendo um diálogo com o outro e consigo mesmo, para que expresse na escrita, em um segundo momento, o conhecimento internalizado.

Portanto, o professor torna-se imprescindível para que se estabeleça um elo entre o aluno e o conhecimento, a fim de que o estudante aprenda a pensar e a

questionar e não a receber passivamente aquilo que é trabalhado em sala de aula. Isso pôde ser observado no desenvolvimento das atividades acima descritas, pois as aulas de argumentação propiciaram aos sujeitos envolvidos no debate uma reavaliação de suas perspectivas a respeito do mundo e do momento em que se encontravam através dos posicionamentos dos colegas, para que, posteriormente, pudessem desenvolver os seus próprios pontos de vista na produção textual.

Referências

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. 6. ed. Cotia: Atelier, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução: Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. **O agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Tradução: Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

ELIAS, V. M. (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa**: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

RIBEIRO, R. M. **A construção da argumentação oral em contexto de ensino**. São Paulo: Cortez, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.